

ÉTICA NA PRODUTIVIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Andrei Luiz Lodéa*

Resumo: Este texto busca refletir sobre a importância da ética na pesquisa e na produtividade acadêmico-científica. Visa, também, reforçar a ideia de que a prática da pesquisa se estrutura não só nos conteúdos epistêmicos, mas nas diretrizes (princípios e normas) éticas para a realização e publicação de seus conteúdos. A produtividade acadêmica e científica vem sofrendo uma “pressão” pela *quantidade*, caracterizado aquilo que chamaremos de “produtivismo acadêmico”. A produtividade sem responsabilidade, zelo, honestidade e lealdade, capacidades que cremos estarem presentes nos agentes, – pesquisadores e cientistas – levam, como consequência, à prática do plágio. Nossa investigação não será conclusiva, mas pretende iniciar uma discussão de caráter interdisciplinar sobre a melhor forma de produzir não só em quantidade, mas produzir visando a *qualidade*.

Palavras-chave: Ética. Pesquisa. Produtividade acadêmica. Plágio.

A vida acadêmica e a vida científica estão firmemente apoiadas em dois aspectos fundamentais: a *valoração ética* e a *conceituação epistêmica* de suas práticas investigativas. A Universidade, enquanto tempo/espaço para a produção do conhecimento, não deve separar a problemática epistêmica da problemática ética. Atualmente, é comumente aceito que a ciência não ocupa um campo solitário e particular para aplicação de seus métodos e resultados, mas corresponde a aspectos coletivos de construção do conhecimento, admitindo pretensões de verdade apoiadas, também, em aspectos práticos da ética e da política. Sempre é importante frisar, principalmente nas disciplinas propedêuticas – e aqui destacamos a disciplina de Iniciação ao Conhecimento Acadêmico sob a responsabilidade da área de Ética e Conhecimento da UPF – que o mundo da atividade científica o “saber fazer” (*know-how*) e o “saber valorar” estão vinculados. Isso quer dizer que a prática da pesquisa e a prática científica requerem uma avaliação constante de uma filosofia prática, neste caso, da ética. Uma vida científica sem eticidade compromete, não só os possíveis resultados, mas todo o método utilizado na investigação.

Dentro desse espírito, nosso objetivo principal é apresentar o mundo das produções científicas como um desafio e um compromisso com valores éticos da prática da pesquisa. Analisaremos aspectos da produção científica que desvirtuam os ambientes acadêmicos e de pesquisa, ressaltando a pressão por publicação, o que irá caracterizar o “produtivismo acadêmico” como uma prática antiética a ser evitada. Faremos isso levando em consideração às publicações sobre ética na investigação científica e acadêmica, principalmente em revistas

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da área de Ética e Conhecimento da Universidade de Passo Fundo. Contato: lodea@upf.br

eletrônicas que, juntamente com seus autores, editores e pareceristas estão preocupados com as constantes submissões de artigos e pesquisas desonestas e carentes de novidades epistêmicas.

1 Pressupostos éticos da investigação acadêmico-científica

A preocupação com a problemática da ética nas investigações científicas ocupa lugar de destaque em toda comunidade acadêmica. Comissões e Conselhos de Ética em Pesquisa (CEPs) podem ser bons exemplos dessa preocupação latente das Instituições de Ensino Superior (IES). Uma análise atenta dos projetos de pesquisa e das atividades práticas de pesquisa (aquelas elaboradas em laboratórios e que exigem experimentos) possibilita uma visão mais clara dos meios e dos fins utilizados, o que poderá representar a aceitação, revisão ou rejeição de projetos e atividades práticas de pesquisa. Um exemplo pode ser buscado na Área da Saúde. As pesquisas realizadas com seres humanos e animais não humanos *exigem* uma reflexão da filosofia prática, mais especificamente uma análise bioética. Algumas atividades hediondas praticadas em laboratórios representam uma afronta aos direitos de humanos e não humanos; ferem e continuam ferindo interesses individuais, comprometendo o bem-estar e a qualidade de uma vida futura digna. Outra situação emblemática diz respeito às fraudes nas publicações científicas. São comuns os casos de plágio praticados tanto por iniciantes como por pesquisadores experientes. Quem, no meio acadêmico-científico, nunca ouviu falar sobre teses de doutorado, dissertações de mestrado ou artigos publicados em periódicos que sequer citam as referências consultadas? Seria isso uma falta de compreensão da prática da pesquisa, uma falta de conhecimento das formas e métodos de pesquisa ou, ainda, falta de “conhecimento prudencial”? Há algum tipo de pressão que leva pesquisadores e acadêmicos à prática do plágio? Seria essa prática uma falta de *honestidade intelectual*? Como essas questões são o centro principal de nossa investigação, daremos a elas maior importância, retomando-as na última seção.

Essa reflexão sobre os compromissos éticos do conhecimento científico está intrinsecamente conectada à gênese universitária. Entendemos que essa gênese universitária representa os objetivos pelos quais toda e qualquer IES deve zelar: a formação profissional, a formação científica e a formação cidadã. Toda universidade interessada em produzir conhecimento precisa objetivar a formação de seus acadêmicos seguindo um compromisso sagrado com o ensino, a pesquisa e a extensão. A produção do conhecimento passa, fundamentalmente, pela prática da pesquisa. Ou seja, necessitamos que o ambiente

universitário disponibilize para seus professores e alunos incentivos para o desenvolvimento de pesquisas. Focar em apenas um desses compromissos, como é o caso de inúmeras IES, – temos aquelas que se dedicam exclusivamente ao ensino, esquecendo a pesquisa e a extensão – é tender para o fracasso (cf. SERVERINO, 2007, p. 29). Nesse sentido, a Universidade deve priorizar uma formação com rigor e método, desenvolvendo seres autônomos e capazes de reflexão sobre suas posturas e práticas acadêmicas e profissionais. As habilidades e competências técnicas não podem existir sem a devida coerência com as aptidões científicas e humano-sociais. É por isso que a reflexão crítica que a ética faz das investigações científicas pretende mostrar que os conteúdos e fatos manipulados pelo pesquisador ou cientista devem seguir princípios, normas e diretrizes baseadas em uma compreensão clara das consequências e resultados dos conhecimentos, que servirão à melhoria da sociedade.

As Universidades, como Instituições dedicadas à pesquisa, exercem seu verdadeiro compromisso social com o ensino e a extensão. Mas, será que entendemos o que é fazer pesquisa na gênese da prática universitária? Não entraremos, aqui, no mérito dos procedimentos metodológicos adotados pelas mais variadas ciências. Nos ocuparemos, a partir desse momento, com uma questão que nos parece interdisciplinar, a saber, com o suporte filosófico prático (ético) das produções acadêmico-científicas. Como já indicamos anteriormente, há inúmeras situações antiéticas que, vistas com outro olhar, nos possibilitam detectar práticas científicas e acadêmicas desvirtuadas e que não apresentam justificativas razoáveis no mundo da eticidade.

2 Ética e “produtivismo acadêmico”

Um dos assuntos sobre ética e pesquisa científica está diretamente relacionado a produção acadêmica, tanto por parte dos professores-pesquisadores quanto dos próprios discentes-pesquisadores. As conversas nos corredores ou no durante o cafezinho do intervalo é sobre a *quantidade* de publicações, ‘se vai publicar em breve’, ‘para qual revista foi enviado o artigo’, ‘qual é o *Qualis* da revista’ etc. Gerou-se uma “*nóia*” entre os pesquisadores sobre a necessidade de se publicar em quantidade. Mas a pergunta que devemos fazer é: essa publicação, que ora submetemos à avaliação, realmente contribuirá para a produção de conhecimento ou sua finalidade é obter uma pontuação elevada no *Currículo Lattes*? Não pretendo fazer uma crítica à produtividade acadêmica, a considero fundamental, mas questionar nossa responsabilidade moral e intelectual para com a produção e divulgação dos conhecimentos de pesquisa. Devo ressaltar, ainda, que essa crítica é uma hipótese preliminar,

uma primeira investigação, buscando entender se a tendência ao “produtivismo acadêmico” poderá desvirtuar a função epistêmica da pesquisa universitária.

No mundo editorial das revistas científica, sobretudo dos periódicos *on-line*, é latente a preocupação com a quantidade de artigos enviados à avaliação e futura publicação e, conseqüentemente, a qualidade dos mesmos. Esse fator quantidade/qualidade não envolve apenas o conteúdo epistêmico de suas ideias e conceitos, mas à virtuosidade das intenções dos autores e pesquisadores. A pressão pela publicação pode comprometer o aspecto ético da investigação, gerando sérios problemas para os autores e editores. Mas, antes de entrar em detalhes sobre essa questão, devemos esclarecer a noção de “produtivismo acadêmico”.

Há interpretações distintas sobre a conceituação do produtivismo. Uma delas está diretamente apoiada na relação quantidade/qualidade. Na visão de Alcadipani (2011, p. 1174), “chamamos de produtivismo uma ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância, o foco em se fazer o máximo de uma coisa “enlatada”, com pouco conteúdo e conseqüente valorização da quantidade como se fosse qualidade”. Por outro lado, uma outra interpretação vem da avaliação feita do que é publicado. Godoi e Xavier (2012, p. 456) a definem como uma “forma de avaliação centrada na quantidade pura e simples de produções/publicações, em geral pouco lidas ou que não têm maior importância científica, e que serve de parâmetro básico para as mais diversas formas de progressão na carreira acadêmica”. Vemos, no primeiro caso, a preocupação dos autores em produzir, mas sem se importar com a qualidade do que é produzido, no segundo, a avaliação feita segue a lógica maculada dos resultados, usando como critério para as publicações a progressão de carreira, a pontuação em concursos e a obtenção de um reconhecimento intelectual. Outros autores tratam a ideia do produtivismo como uma “ideologia” impregnada no mundo intelectual como mercadoria de troca, ou seja, o conhecimento torna-se um produto mercadológico (cf. MACHADO; BIANCHETTI, 2011 e TREIN; RODRIGUES, 2011). Podemos, a partir disso, dizer que o “produtivismo acadêmico” é uma estratégia de resultados pouco coerente com o conhecimento epistêmico e sua intrínseca valoração. É uma prática utilizada por pesquisadores que (i) não entende a prática da pesquisa e (ii), sobretudo, carecem de honestidade intelectual.

Em um primeiro momento, essas características podem parecer ofensivas, mas não o são quando analisamos pesquisas e estatísticas sobre a qualidade do que é publicado no mundo científico e acadêmico. No próprio mundo universitário, professores-pesquisadores denunciam, em seus relatos, que muitos cursos de graduação e pós-graduação não se preocupam com a qualidade, com o incentivo e, principalmente, com o tempo dedicado a

entender a prática da pesquisa. O resultado dessa falta de entendimento da prática da pesquisa (o estudante não apreende e não sabe como fazer uma pesquisa) é a consequente desonestidade intelectual. Sendo assim, pensamos que há uma pressão pela produção imediata do conhecimento. Poderíamos aqui destacar fatores econômicos que envolvem a produção científica, mas não há tempo para fazer isso neste texto.

Essa pressão pela qual passam muitos pesquisadores contemporâneos parece não ter existido no caso de teóricos e pesquisadores de outras épocas. Vejamos os casos de Marx e de Einstein. O primeiro demorou quarenta anos para publicar sua obra máxima, “O Capital”. Einstein publicou sua “Teoria da Relatividade Especial” em 1905. Somente quinze anos depois, com uma versão revisada e melhorada, amplamente aceita atualmente, lança a “Teoria Geral da Relatividade”. Se a pressão pela produção fosse realmente importante, esses dois teóricos clássicos estariam fadados ao anonimato. Esse parece ser o pensamento de muitos pesquisadores, não serão lembrados, citados, referenciados, logo, serão esquecidos. Para não correremos este risco, devemos estar envolvidos com a produção, mas, fundamentalmente, envolvido com boas produções. Publicar em revistas especializadas que possuem um *Qualis* envolve a problematização e a produção de um conhecimento científico. Mas, seria possível que órgãos avaliadores como a Capes pudessem ter um bom controle da qualidade das publicações em periódicos e livros? Segundo dados da própria Capes (2013), são 1600 publicações semanais para uma avaliação de 40 pessoas. Com esses números, uma avaliação dos conteúdos e das produções intelectuais dos textos ou livros é praticamente impossível.

Percebemos que há uma pressão pela produtividade da produção científica e uma deficiência na avaliação, principalmente pelas agências responsáveis. A pergunta que agora devemos nos fazer é: qual é a qualidade das produções acadêmicas (artigos científicos) aceitas ou rejeitadas? Editores, pareceristas e autores são responsáveis perante as publicações submetidas para avaliação?

Entendemos que os comitês e agências responsáveis pelo *Qualis* das produções não podem dar conta de todas as submissões quanto ao seu aspecto qualificador, isto é, se é um texto problematizador e se enquadra dentro de uma contribuição à pesquisa. Primeiramente, as responsabilidades desses critérios são dos próprios autores e, posteriormente, dos pareceristas e editores. São eles que devem zelar pela qualidade das produções, pois dominam suas especificidades e podem diagnosticar as deficiências metodológicas e a relevância dos materiais enviados para apreciação e possível publicação. Devemos frisar que há muita má-fé, principalmente por parte dos autores que, visando uma produtividade mercadológica, não se

preocupam com os critérios exigidos pelos comitês e agências controladoras dos periódicos e livros científicos.

Inúmeras são as práticas antiéticas encontradas nas produções científicas. Muitas delas chegam a ser uma afronta a nossa capacidade cognitiva e desmerecem nosso compromisso com a boa pesquisa. Entre esses maus exemplos destacamos: a republicação de artigos idênticos, substituindo o título e acrescentando alguns parágrafos, o tão conhecido autoplágio; ação conjunta de grupos, visando obter pontos, citando-se mutuamente, como forma de multiplicar a produção; publicação fatiada de pesquisas mais duras e quantitativas, as denominada “publicações salame” (cf. KUHLMANN JR, 2015)¹. Essas situações são um tipo de prática irrefletida onde o lema é “publicar ou perecer”. Com isso, não estamos afirmando que, por exemplo, uma divisão em artigos de trabalhos mais extensos, que o reaproveitamento de pesquisas e publicações em grupos não devem acontecer, mas que elas necessitam de rigor quanto ao conteúdo publicado.

Poderíamos ser céticos em admitir que pesquisadores experientes possam cair nas armadilhas do produtivismo científico, pois sua honestidade intelectual e sua exposição como membro competente da pesquisa pode estar em risco. Mas o que vemos em primeiro plano é uma enxurrada de autores que não ligam para fatores éticos na divulgação de suas pesquisas, o que vale é publicar. Contudo, é o fator “pressão” que contribui significativamente para a falta de qualidade do que se publica atualmente. Para inibir essa prática, a Comissão de Área da Educação, no CNPq, adotou uma pontuação máxima para as cinco publicações mais importantes (esse dado é solicitado quando incluímos publicações no *Lattes*). A Capes exige dois artigos qualificados por ano para docentes de doutorado e um para mestrado, mas não define um máximo. Como a classificação dessa última garante a nota de reconhecimento “nível Capes”, publicações indiscriminadas são uma realidade. Mesmo assim, a Capes, não é conivente com o plágio, orientando seus programas de pós-graduação sobre a “necessidade de combater o plágio onde quer que este se manifeste” (CAPES, 2011, p. 2). O CNPq instituiu, em 2011, uma Comissão Especial para avaliar e propor diretrizes para a ética e a integridade das práticas científicas, seja na sua realização, seja na sua divulgação. A Comissão propôs ao

¹ Os tipos mais comuns de plágio encontrados em veículos de divulgação das pesquisas científicas (revistas e jornais) são: paráfrases sem citar a fonte (75%), pesquisa repetida de um estudo similar, usando a mesma metodologia, sem citar a relação (71%), uso de uma fonte secundária, mas cita apenas a primária (69%), duplicação: reutiliza as próprias palavras de suas próprias pesquisas e trabalhos sem atribuição (63%) e apropriação de palavras ou obras sem atribuição. Essa pesquisa foi feita com mais de trezentos pesquisadores de 50 países. A maioria dos entrevistados são da América do Norte (25%), Índia/Paquistão (25%), Oriente Médio (17%) e Europa (16%). As áreas entrevistadas eram, em sua maioria, das ciências, engenharias e saúde. Esses dados podem ser encontrados em: <<http://www.ithenticate.com/resources/papers/decoding-plagiarism>>.

CNPq ações preventivas e educativas e até ações punitivas para desestimular as más condutas na prática científica (SEVERINO, 2014, p. 200-201).

Como ressaltamos acima, a prática do plágio não compromete apenas o conteúdo epistêmico, mas está diretamente relacionada a condução ética da pesquisa e sua posterior divulgação. Plágio, autoplágio, invenção de dados e falsificação estão diretamente ligados a falta de responsabilidade e zelo com o conhecimento que está sendo manipulado. Como essa é uma prática comum, adotam-se medidas normativas e punitivas para agentes. Mas, de certa forma, é estranho adotar medidas impositivas para agentes, cientistas ou pesquisadores, que possuem um nível teórico, intelectual e cultural que deveria guiar eticamente seu agir. O plágio no mundo acadêmico e científico vai muito além de uma questão de *originalidade*, envolvendo aspectos relacionados às virtudes éticas como o respeito, a honestidade, a justiça, o zelo e a lealdade. Ser consciente e aprender como deve ser conduzida a prática da pesquisa, seja na sua realização, seja na sua publicação, legitima que os agentes epistêmicos são também agentes éticos. Dessa forma, os verdadeiros responsáveis pela ética nas produções acadêmico-científicas são os próprios sujeitos (autores), que optam e escolhem sobre a relevância e a qualidade epistêmica de suas pesquisas.

Considerações finais

Essa discussão sobre o “produtivismo acadêmico” merece um olhar atento por parte das comissões e comitês responsáveis pela avaliação e controle das pesquisas. Porém, não podemos esquecer que essa prática antiética só ocorre porque os pesquisadores não são conscientes e não assumem a responsabilidade com a realização e publicação de suas pesquisas. A pressão pela publicação traz à tona o despreparo e o oportunismo dos agentes que não entendem e não foram adequadamente preparados para o aprendizado da pesquisa acadêmico-científica. Muitos acadêmicos passam pela graduação e pela pós-graduação sem saber a importância epistêmica e valorativa das pesquisas que estão manipulando. O importante é fazer os trabalhos acadêmicos, não importa como o fazem. Na pós-graduação, a pressão pela quantidade, favorece a proliferação de publicações que podem se caracterizar como plágio.

Entendemos que todos somos responsáveis por zelar pela qualidade de nossa produção acadêmica, inclui-se nesse “todos” os autores, orientadores, editores e pareceristas, aqueles que estão em contato direto com os textos e artigos enviados para publicação. São

esses os especialistas que podem, com um olhar mais atento e preciso, determinar se a contribuição epistêmica submetida para avaliação atende as diretrizes ética de publicação.

Para finalizar, cabe salientar que esse é um assunto que pode render uma discussão mais atenta, pois há detalhes que não foram explorados e nem poderiam ser tratados neste breve texto. Essa investigação requer um maior amadurecimento, mas representa um primeiro passo para iniciarmos a discussão. A produção científica e acadêmica exige seriedade e uma avaliação rígida. As Universidades e seus programas de graduação e pós-graduação devem empenhar-se em mostrar que a pesquisa não é um produto pronto, mas uma construção e, como toda construção, necessita de bases sólidas, apoiada no rigor, no método e no compromisso com a qualidade dos conteúdos que estão sendo manipulados. Boas pesquisas e boas produções acadêmico-científicas não podem objetivar apenas um conteúdo epistêmico, mas devem zelar pelo valor ético de toda a prática da pesquisa.

Referências

- ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512011000400015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Mar. 2016.
- CAPES. *Orientações Capes: combate ao plágio*. Brasília: Capes, 2011.
- GODOI, C. K; XAVIER, W. G. O produtivismo e suas anomalias. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 456-465, Jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Mar. 2014.
- KUHLMANN JR., M. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 838-855, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400838&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143597>.
- MACHADO, A. M. N.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. *Rev. Adm. Empres.*, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 244-254, Jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S003475902011000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 Mar. 2014.
- PAVIANI, J. *Epistemologia prática*. Caxias do Sul: Educs, 2009.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Dimensão ética da investigação científica. *Práxis educativa*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 118-208, Jun./Jul. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 769-792, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000300012>.